

TRADUÇÃO INSTRUMENTAL PARA FINS DIDÁTICOS

“Encontramos tudo que buscávamos?”

“Sentido histórico da crise da psicologia” - Seção 16

Lev Semionovitch Vigotski



Pelo Coletivo Eras e Dias
Brasil/2017

Conteúdos

1 A culminância estilística da ideia não é indiferente	03
2 Propõe-se “dissecar” o nome psicologia.....	04
2.1 Correntes que pretendem ser toda a psicologia.....	04
2.2 Sistemas que rompem com o velho nome	05
2.3 Sistemas que permaneceram sem nome definido	05
3 Nomes da psicologia em Münsterberg, Tchelpánov, Husserl, Binswanger, Lotze, Bergson, Dilthey e Frank	06
4 Ao ramo materialista se deve denominar psicologia	10
4.1 Há duas considerações sobre tal denominação	10
4.2 Iniciando pela segunda consideração	11
4.3 Retornando à primeira consideração	14
5 Para o dialético não é possível renunciar ao nome psicologia....	16
5.1 O desenvolvimento da ciência não se dá em linha reta	16
5.2 Para o dialético cada passo para a verdade nos pertence	18
5.3 Para o dialético a história não começa consigo	19
5.4 Acaso o marxismo se nega a conhecer seus antecessores?	21
5.5 Sobre o perigo de assumir nome geral anti-historicamente.....	24
5.6 Deixa-se de expressar psicologia com uma só palavra.....	25
6 Como denominaremos a psicologia científico-natural?	26
6.1 Pluralidade de nomes para a psicologia científico-natural.....	26
6.2 Depois disso, que significa a palavra psicologia?	28
6.3 Inadequação dos adjetivos “objetiva” e “comportamental”	29
7 Sobre o termo “psicologia marxista”	31
7.1 Psicologia marxista como definição errônea	31
7.2 Para todos os fins, a psicologia marxista ainda não existe	32
7.3 Sobre Adler e a síntese marxismo e psicologia	33
7.4 O perigo do termo “marxista” usado de forma eclética	35
8 Sobre o termo “psicologia científica”	37
9 Referências de Vigotski na seção traduzida	42
10 Referências desta tradução instrumental.....	43

“Encontramos tudo que buscávamos?” (Sentido histórico da crise da psicologia*) Lev Semionovitch Vigotski

{392:}

16**

[1. A culminância estilística da ideia não é indiferente]

Aqui termina nossa análise. Encontramos tudo o que buscávamos? Em todo caso, estamos junto às margens. Preparamos o terreno para a investigação, e agora, para justificar nosso raciocínio, devemos provar nossas conclusões frente à realidade e construir o esquema da psicologia geral. Mas antes disso, gostaríamos ainda de nos determos em um ponto, que certamente tem mais valor estilístico que de princípios, apesar de que a culminância estilística

* Traduzido do Espanhol, para fins exclusivamente didáticos, sob responsabilidade do Coletivo Eras e Dias: www.ced-br.net O uso comercial não é permitido. O termo “sentido” foi traduzido assim por tratar-se, no original russo, da palavra “смысл” [*smis*] (tradicionalmente traduzida em Vigotski por “sentido”) e não de “значение” [*znatchenie*] (tradicionalmente traduzida em Vigotski por “significado”). Mantivemos a paragrafação da edição espanhola e sua paginação foi preservada entre chaves. Por exemplo, “{392:}” significa que a página seguinte ao código é a “392”, na versão espanhola (Vygotski, 1926-27/1991, p. 392-406). Todas as tabelas, diagramas e títulos [entre colchetes, em fonte sem serifa] são de nossa inteira responsabilidade, com fins didáticos e de maior difusão desta discussão em metodologia da psicologia. Assim como são nossas as notas de rodapé, referentes a nomes completos, nacionalidade e tempo de vida de autores citados, quando possível localizar, e alguns colchetes no interior do texto. Pelo CED, Brasil, primeira versão concluída em 09 de março de 2017. Passará por revisões posteriores.

** Na tradução espanhola das “Obras Escolhidas” consta como seção 15, porém está marcada como seção 16 da edição russa (Vigotski, 1926-27/1982, p. 423). Nota nossa – CED.

de qualquer ideia não seja de todo indiferente para conseguir expressa-la em sua totalidade.

[2 Propõe-se “dissecar” o nome da psicologia]

2.1 Correntes que pretendem ser toda a psicologia	2.2 Sistemas que rompem com o velho nome.	2.3 Sistemas que permaneceram sem nome definido
“Behaviorismo, como ciência do comportamento”	Para Bekhterev “Reflexologia” e não fisiologia	Pavlov optaria por “Fisiologia” Mas seus alunos falam de “Ciência do comportamento”
“Psicanálise”		
“Reactologia”		

[2.1 Correntes que pretendem ser toda a psicologia]

{393:} Separamos as tarefas do método, e o campo de nossa análise dos princípios de nossa ciência. Devemos ainda nos estender à dissecação ao próprio nome da psicologia. Porque os processos de divisão que foram se perfilando na crise acabaram se refletindo também no destino da denominação de nossa ciência. Diversos sistemas romperam relações com a velha denominação e utilizaram a sua própria para designar a totalidade da tarefa de investigação. É frequente, por exemplo, referir-se ao behaviorismo como ciência do comportamento, como sinônimo de toda a psicologia e não de uma de suas correntes. Da mesma maneira, acontece ao falar-se da psicanálise ou da reactologia.

[2.2 Sistemas que rompem com o velho nome]

Outros sistemas, ao contrário, rompem com o velho nome, no qual veem marcas de origem mitológica. Este é o caso da reflexologia, que destaca sua renúncia às tradições e se põe a construir em um terreno novo e vazio. Não cabe discutir que tal ponto de vista encerra algo de verdade, ainda que se tenha que considerar a ciência de forma excessivamente mecânica e anti-histórica para não compreender o papel da herança e da tradição, inclusive nas mudanças. Pensando tudo, quando Watson¹ exige romper radicalmente com a velha psicologia, citando a astrologia e a alquimia como exemplo do perigo que acerca a psicologia de meias tintas, tem parte de razão.

[2.3 Sistemas que permaneceram sem nome definido]

Outros sistemas permaneceram ainda sem nome, como o de Pavlov², que ainda que denominasse, às vezes, seu campo de fisiologia, ao intitular seu experimento como “estudo do comportamento e da atividade nervosa superior” deixa aberta a questão do nome.

¹ John Broadus Watson (1878-1958), psicólogo americano, considerado o sistematizador do behaviorismo como escola psicológica. Mediante sua abordagem, conduziu pesquisas sobre comportamento animal, criação e orientação de crianças. Produziu estudos sobre linguagem, memória e emoções, entre outros. Nota nossa – CED.

² Ivan Petróvitch Pavlov (1849-1936), médico, fisiologista russo, recebeu prêmio Nobel de Medicina por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. Teve forte influência sobre toda a nascente psicologia soviética. O processo do “reflexo condicional” que estudou, foi adotado por Vigotski como elemento de todas as formas complexas de comportamento cultural, durante determinado período de seu trabalho, sobretudo de 1928 a 1931 (cf. Vygotsky, 1928/1994; Vygotski 1930/1991; 1931/2000). Nota nossa – CED.

Por sua parte, Bekhterev³, desde seus trabalhos mais precoces, demarca-se, sem rodeios, com relação à fisiologia: para ele, a reflexologia não é fisiologia. Os discípulos de Pavlov expõem sua doutrina sob o nome de “ciência do comportamento”. E, com efeito, duas ciências tão distintas devem ter nomes diferentes.

[3 Nomes da psicologia em Münsterberg, Tchelpánov, Husserl, Binswanger, Lotze, Bergson, Dilthey e Frank]

Münsterberg	Interpretação intencional da vida interna	≠	Psicologia como ciência descritiva e explicativa
Tchelpánov	“Analítico” e “Fenomenológico” são nomes distintos para o mesmo método		Para Vigotski se poderia dizer “Fenomenologia” = “Psicologia analítica”
Husserl	(...)		Mas Husserl falará da “Fenomenologia” como “Psicologia eidética”
Binswanger	“Fenomenologia pura” Husserl também diz “Fenomenologia pura” e quer ver nela “A doutrina metafísica das essências”	≠	“Fenomenologia empírica” (“psicologia descritiva”)
Lotze	“Psicologia”	=	“Matemática aplicada”
Bergson	(...)		Quase comparava “Metafísica experimental” com “Psicologia”

³ Vladimir Mikháilovitch Bekhterev (1857-1927), neurologista russo, sistematizador da “psicologia objetiva”, possuía divergências com Pavlov na teoria dos reflexos. Nota nossa – CED.

Dilthey	“Psicologia explicativa” remonta à “Psicologia racional” de Wolff	≠	“Psicologia descritiva” remonta à “Psicologia Empírica”
Frank	“Psicologia como ciência natural” (não é psicologia, mas fisiologia)	≠	“Psicologia: ciência do espírito” (nome magní- fico subtraído) reposto indiretamente por: “Psicologia filosófica”

Esta é uma ideia que já há muito era exposta por Münsterberg⁴:

“Evidentemente, é ainda uma questão sujeita a debate a de se devemos chamar psicologia à **interpretação intencional da vida interna**. Mas realmente é muito o que fala a favor de conservar o nome de psicologia para **a ciência descritiva e explicativa**, excluindo da psicologia a ciência da interpretação das sensações espirituais e das relações internas” (1922, p. 9)

Entretanto, e mesmo que raramente se explicita, este último significado continua amparando-se sob o nome de psicologia. A maioria das vezes se faz presente através de uma ou outra influência externa à psicologia, associada a alguns elementos da psicologia causal (Ibidem). Mas, posto que já conhecemos a opinião deste mesmo autor de que a confusão atual em psicologia se deve à mistificação existente, a única conclusão possível é eleger outro nome para a psicologia intencional. E, em parte, isso é o que acontece. Abertamente, a fenomenologia exclui de seu campo a psicologia, “necessária para determinados fins lógicos” (Ibidem, p.

⁴ Hugo Münsterberg (1863-1916) psicólogo germano-americano, um dos sistematizadores da “psicologia aplicada”, estendendo seu trabalho aos campos jurídico, médico, clínico e educacional. Nota nossa – CED.

10), e ao invés de fazer uma divisão em duas ciências recorrendo a adjetivos, que induzem a uma enorme confusão (...) começa a introduzir diferentes substantivos. Tchelpánov⁵ sustenta que “analítico” e “fenomenológico” são dois nomes distintos para {393;} um mesmo método e que a psicologia analítica encobre, em certo grau à fenomenologia. Pelo que a discussão sobre se a fenomenologia é ou não psicologia torna-se, em última análise, uma questão terminológica. Se acrescentarmos a isso que o autor considera que esse método analítico e esta parte da psicologia (a fenomenologia) são os principais, o lógico seria chamar de fenomenologia à psicologia analítica. O próprio Husserl⁶ prefere se limitar aos adjetivos para conservar a pureza de sua ciência, e fala de “psicologia eidética”. Mas Binswanger⁷ escreve sem hesitação: há que diferenciar entre fenomenologia pura e fenomenologia empírica (“psicologia descritiva”) (1922, p. 135) e vê fundamento para isso na introdução pelo próprio Husserl do adjetivo “pura”. O sinal de igualdade foi estabelecido da forma mais matemática, se recordamos que Lotze⁸ considerava a psicologia como uma matemática aplicada; que, em sua definição, Bergson⁹ quase comparava a metafísica

⁵ Gueorguii Ivanovitch Tchelpánov (1862-1936), filósofo, lógico e psicólogo russo, planejador, organizador e primeiro diretor do Instituto de Psicologia de Moscou. Nota nossa – CED.

⁶ Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão, sistematizador da escola da fenomenologia, contrapondo-se à orientação positivista de seu tempo. Foi um pensador denso que influenciou vários outros do século XX, que seguiram diferentes orientações de Jean-Paul Sartre (1905-1980), existencialista que se aproxima da dialética e do marxismo, a Jaques Derrida (1930-2004), pós-estruturalista proponente de uma exegese denominada “desconstrução”. Nota nossa – CED.

⁷ Ludwig Binswanger (1881-1966), psiquiatra e neurologista suíço, estudou com Bleuler, Jung e Freud, com quem veio a ter divergências teóricas. Nota nossa – CED.

⁸ Rudolf Herman Lotze (1817-1881), filósofo e lógico alemão, também se graduou em medicina e era grande conhecedor de biologia. Concebia que o mundo é governado por leis mecânicas. Seu trabalho teve implicações para a psicologia. Nota nossa – CED.

⁹ Henri Bergson (1859-1941), filósofo e diplomata francês, recebeu o Nobel de Literatura em 1927. Nota nossa – CED.

experimental com a psicologia; e que Husserl quer ver na fenomenologia pura a doutrina metafísica das essências (Binsvanger, 1922), compreenderemos também que a própria psicologia idealista tem a tradição e a tendência a abandonar um nome comprometido e caduco. W. Dilthey¹⁰ (1924) manifesta que a psicologia explicativa remonta à psicologia racional de Wolff¹¹, e à descritiva à empírica.

É verdade que alguns idealistas são contrários a atribuir este nome à psicologia científico-natural. Por exemplo, S. L. Frank¹², ao assinalar categoricamente, que sob um mesmo nome vivem duas ciências, escreve:

“Em geral, o problema não reside no caráter mais ou menos científico dos diferentes métodos de uma mesma ciência, mas simplesmente na substituição de uma ciência por outra totalmente diferente, que, mesmo que conserve débeis traços de afinidade com a primeira, se ocupa, em essência, de um objeto completamente distinto... A psicologia atual reconhece a si mesma como ciência natural. Isso significa que a assim denominada psicologia atual não é em absoluto psicologia, mas fisiologia... A magnífica denominação de ‘psicologia’ – ciência do espírito – foi

¹⁰ Wilhelm Dilthey (1833-1911), historiador, psicólogo, sociólogo e filósofo hermenêutico alemão, que pode ser considerado mais um empirista que um idealista, embora divirja ontológica e epistemologicamente do positivismo. É clássica sua distinção entre psicologia explicativa e descritiva. Nota nossa – CED.

¹¹ Carl Wolff (1679-1754), considerado o filósofo alemão mais eminente entre Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e Immanuel Kant (1724-1804). Valeu-se de seu método matemático, demonstrativo-dedutivo para apresentar e fundamentar vasta quantidade de temas acadêmicos de seu tempo. Entendia que a doutrina da harmonia pré-estabelecida perde sua importância metafísica, embora continue sendo dispositivo heurístico importante. E que o “princípio da razão suficiente” é descartado em favor do “princípio da contradição” que procura tomar como o princípio fundamental da história da filosofia. Nota nossa – CED.

¹² Semion Liudvígovitch Frank (1870-1950), filósofo e pensador religioso russo. Propunha uma síntese entre o pensamento racional e a verdade religiosa, na tradição da teologia negativa e do platonismo cristão. Nota nossa – CED.

subtraída ilegalmente e é utilizada sem justificativa como título de outro campo científico totalmente distinto. E a subtração foi tão absoluta, que quando [em psicologia] se pensa hoje na natureza da alma... é ocupando-se de uma questão destinada a permanecer inominada ou para a qual deve-se conceber uma denominação totalmente nova” (1917, p. 3)

Mas, apesar desta deformação, o nome “psicologia” ainda não responde em três quartos à sua essência. E S. L. Frank propõe denominar a nova ciência como psicologia filosófica, para “reestabelecer, mesmo que indiretamente, o autêntico significado da palavra ‘psicologia’ e devolve-lo ao seu dono legal depois dessa subtração, já irreparável diretamente” (Ibidem, p. 19)

Nos encontramos diante de um fato curioso: tanto a reflexologia, que trata de romper com a “alquimia”, como a filosofia, que quer coadjuvar no restabelecimento dos direitos da psicologia no sentido primitivo, literal e exato da palavra, permanecem inominadas e ambas buscam uma nova denominação.

[4 Ao ramo materialista se deve denominar psicologia]

[4.1 Há duas considerações sobre tal denominação]

{395:} Mais curioso ainda é que os motivos das duas partes são iguais: uma teme perder, utilizando este nome, as marcas de sua origem materialista, a outra teme que tenha perdido seu antigo, literal e exato significado. Cabe – estilisticamente – encontrar melhor expressão da dualidade da psicologia atual? Não obstante, inclusive Frank sustenta que o nome subtraído da psicologia científico-natural é termo fundamental e impossível de melhorar. O

que nós supomos é ser precisamente ao ramo materialista que se deverá denominar psicologia. Em favor disso, e contra o radicalismo dos reflexólogos, há duas importantes considerações. Em primeiro lugar é precisamente este o ramo da culminância de todas as tendências verdadeiramente científicas das épocas, correntes e autores que se viram representados na história de nossa ciência. E, portanto, este ramo é, de fato e por sua própria essência, a psicologia. Em segundo lugar, ao adotar este nome, a nova psicologia não “subtrai” dele o mínimo, não o deforma, não se vincula aos rastros mitológicos que se conservaram nela, mas guarda, pelo contrário, a recordação histórica de todo seu caminho, de seu ponto de partida.

[4.2 Iniciando pela segunda consideração]

Começemos pela segunda consideração. A psicologia, entendida na acepção de Frank, isto é, como ciência do espírito, seguindo a velha e exata acepção desta palavra, não existe. E o próprio Frank se vê obrigado a aceita-lo, quando se convence, com surpresa e quase com desespero, que é praticamente impossível encontrar literatura desta orientação. Mas há mais, a psicologia empírica, como ciência completa não existe, tampouco. E na realidade, o que agora tem lugar não é uma mudança, nem sequer uma reforma da ciência nem a culminância ou a síntese de uma reforma alheia, mas sim a autêntica realização da psicologia e a libertação nesta ciência de tudo o que nela é capaz de crescer frente ao que não é capaz de fazê-lo. A própria psicologia empírica (por certo, que assim que se cumpriram 50 anos durante os quais o nome desta ciência não tem sido utilizado em absoluto, já que cada escola acrescenta seu adjetivo) está tão morta quanto o casulo abandonado por uma mariposa e como o ovo deixado pelo pintinho.

“Ao chamar a psicologia de ciência natural, queremos significar – disse James – que na atualidade ela representa simplesmente um conjunto de dados empíricos fragmentários; que seus limites são invadidos incontinentemente em todo lugar pelo criticismo filosófico e que as raízes dessa psicologia, seus dados primários, devem ser analisadas do ponto de vista mais amplo e apresentadas sob aspecto distinto... Nem sequer foram estabelecidas com a necessária exatidão dos principais elementos e fatores no campo dos fenômenos espirituais. Que é a psicologia no momento atual? Uma montanha de materiais recolhidos sobre a realidade bruta, uma considerável divergência de opiniões, uma série de tentativas de classificação e de generalizações empíricas de caráter puramente descritivo, um juízo prévio profundamente enraizado que nos leva a supor que possuímos consciência em abundância, cuja existência condiciona nossos cérebros. Mas não existe em Psicologia nem uma só lei, no sentido em que utilizamos esta palavra no {396:} campo dos fenômenos físicos, nem um só princípio de que se possam extrair consequências por via dedutiva. Desconhecemos inclusive os fatores entre os quais seria possível estabelecer reações em forma de atos psíquicos elementares. Resumindo, a psicologia não é ainda uma ciência, mas sim algo que promete ser ciência no futuro” (James, 1911, p. 407).

James¹³ oferece um brilhante inventário do que recebemos da psicologia como herança, a descrição de seus bens e posses. Recebemos dela um grande número de materiais brutos e a promessa de converter-se em ciência no futuro.

¹³ William James (1842-1910), filósofo e psicólogo americano, também formado em medicina. Consta como primeiro educador a ofertar curso de psicologia nos Estados Unidos. Ao lado de Charles Sanders Peirce (1839-1914) e John Dewey (1859-1952). É considerado um dos principais pensadores associados à escola filosófica conhecida como “pragmatismo”, sendo também citado como um dos sistematizadores da “psicologia funcional”. Nota nossa – CED.

O que nos vincula à mitologia através deste nome? A psicologia, como a física antes de Galileu¹⁴ ou a química antes de Lavoisier¹⁵, não é ainda uma ciência que possa fazer uma mínima sombra à futura ciência. Mas não haverão mudado quiçá as circunstâncias de maneira substancial desde o tempo em que James escrevia isto? Em 1923, no VIII Congresso de Psicologia Experimental, Spearman¹⁶ repete a definição de James e sustenta que nem mesmo agora a psicologia é uma ciência, senão tão só uma esperança de ciência. É preciso por uma grande dose de provincialismo de Níjni Novgorod¹⁷ para apresentar a questão como fazia Tchelpánov, partindo da existência de verdades imutáveis e provadas, secularmente por todos, que alguns tentam destruir sem mais nem menos.

¹⁴ Galileu Galilei (1564-1642), físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano, pesquisador fundamental para o conceito de ciência própria da modernidade em contraposição ao obscurantismo da patrística medieval e seus continuadores mesmo durante os “novos tempos”. Nota nossa – CED.

¹⁵ Antoine Lavoisier (1743-1794), químico francês, considerado “pai da química moderna”, foi reconhecido como o primeiro a enunciar o princípio de conservação da matéria ou “Lei de Lavoisier”, em 1789. Mas essa versão é contestada pela de que o russo Mikhail Vasilievitch Lomónosov (1711-1765) já o teria feito 14 anos antes. Nota nossa – CED.

¹⁶ Charles Edward Spearman (1863-1945), psicólogo inglês conhecido, por seu trabalho em estatística, como um pioneiro em análise fatorial. Foi estudioso da inteligência humana, propondo que escores de testes que avaliam diferentes processos cognitivos permitem avaliar um único fator de inteligência geral, designado pelo termo “fator g”. Nota nossa – CED.

¹⁷ Níjni Novgorod [Ни́жний Новго́род]: cidade russa situada a cerca de 400 Km ao leste de Moscou. O sarcasmo baírrista de Vigotski para com “provincialismo” exagerado que, por acaso, houvesse em tal cidade, e nunca em outras interioranas como Orsha ou Gomel, é inexplicável. Pode ser um preconceito regionalista russo, como uns existentes no Brasil, de pessoas de alguns estados para com as de outros. Seria inútil levantar por qual razão se formou o estereótipo de Níjni Novgorod como provinciana. Vigotski, lamentavelmente, vale-se disso para desqualificar o pensamento teórico do oponente. Nota nossa – CED.

[4.3 Retornando à primeira consideração]

A outra consideração é mais séria. Porque devemos, em última análise, afirmar categoricamente que a psicologia não tem dois herdeiros, mas um. E que situar a discussão ao nível do nome não é uma proposta séria: a segunda psicologia é impossível como ciência. Mas, junto com Pavlov não podemos senão declarar que consideramos desesperada a posição dessa ciência do ponto de vista científico. Como verdadeiro cientista, Pavlov não propõe a existência de um nível psíquico, mas de como estudá-lo. Diz:

“Que deve fazer o fisiólogo com os fenômenos psíquicos? Não se pode deixar de prestar atenção a eles, posto que ao determinar o trabalho de conjunto do órgão, a ele estão estreitamente ligados os fenômenos fisiológicos. E se o fisiólogo decide estudá-los, se faz a pergunta: como?” (Pavlov, 1950, p. 59).

Por conseguinte, ao desenvolver nossa análise de dissecação conceitual não renunciamos a nenhum fenômeno em benefício de uma das partes dissecadas. Em nosso caminho estudaremos tudo o que existe e explicaremos como se manifesta a nós.

“Apesar dos milhares de anos que a humanidade leva estudando os fatos psicológicos... dos milhões de páginas dedicadas a representar o mundo interno do homem, carecemos até agora, de resultados deste labor: das leis da vida espiritual do homem” (Pavlov, 1950, p. 105)

Quem esteja atrás dessa dissecação irá parar no campo da arte: autores de romances é como segue chamando Frank aos professores de psicologia. Para Dilthey, a tarefa da psicologia consiste em pescar

nas redes de suas descrições científicas o que se oculta em Lear¹⁸, Hamlet¹⁹ e Macbeth²⁰, já que se vê neles “mais psicologia do que em todos os manuais de psicologia juntos” (1924, p. 19). Mas Stern²¹ ria com sarcasmo da psicologia obtida dos {397:} romances; dizia que é impossível ordenhar uma vaca representada numa pintura. E, apesar disso, desmentindo seu pensamento e como que dando razão a Dilthey, a psicologia descritiva se interna de fato cada vez mais no mundo da novela. No primeiro congresso de psicologia individual, como se autodenomina esta segunda psicologia, ouvi um relatório

¹⁸ Rei Lear: protagonista de tragédia homônima de autoria de William Shakespeare (1564-1616), escrita em torno de 1605. Vigotski traça análises comparativas entre as relações forma e conteúdo nas tragédias Hamlet, Otelo, Rei Lear e Macbeth, em obra anterior a que aqui traduzimos. Trata-se de “Psicologia da arte” (Vigotski, 1925/1999). Seu propósito, em tal trabalho, não é o que ele critica aqui – criar uma teoria a partir dos traços fictícios dos personagens – mas compreender a “arte como técnica social do sentimento” (Vigotski, 1925/1999, p. 3) ou “técnica de sentimentos” (idem, p. 308). Nota nossa – CED.

¹⁹ Hamlet: protagonista da tragédia homônima de William Shakespeare (1564-1616), escrita entre 1599 e 1601. Obra impactante na biografia de L. S. Vigotski, à qual dedicou muitos anos de estudo e produção de vários manuscritos analisando-a. Trabalho cuja versão que hoje conhecemos ganhou forma de monografia apresentada na faculdade histórico-filológica da Universidade Popular de Shaniávski, em Moscou. Nota nossa – CED.

²⁰ Macbeth: protagonista da tragédia homônima de William Shakespeare (1564-1616), a qual estima-se ter sido escrita entre 1603 e 1607. Vigotski faz análises comparativas entre esta e outras tragédias em “Psicologia da Arte” (1925/1999). Cf. nota “18”, nesta página, neste trabalho. Nota nossa – CED.

²¹ William Stern (1871-1938), filósofo e psicólogo alemão, reconhecido como entre os sistematizadores iniciais no campo da psicologia da personalidade e da inteligência. É reconhecido como o proponente do conceito de “quociente de inteligência” ou “QI”, posteriormente utilizado por Lewis Terman (1857-1956), entre outros no desenvolvimento dos primeiros “testes de QI”. Vigotski estabelece uma discussão crítica com as concepções de Stern sobre as relações entre linguagem e personalidade (cf. Vigotski, 1929/1934). Nota nossa – CED.

de Oppenheim²² em que se pescava nas redes do que Shakespeare²³ havia oferecido em imagens: exatamente o que desejava Dilthey. Mas a segunda psicologia acabará metafísica, se chame como se chame. É precisamente esta certeza na impossibilidade que este tipo de saber tem de ser ciência, que condiciona nossa escolha.

[5 Para o dialético não é possível renunciar ao nome psicologia]

[5.1 O desenvolvimento da ciência não se dá em linha reta]

O nome de nossa ciência tem, portanto, um só herdeiro. Mas é, acaso, possível que renuncie à sua herança? Em absoluto. Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho do desenvolvimento da ciência vá em linha reta. E se há ziguezagues, retrocessos e recuos compreendemos seu significado histórico e os consideramos, (assim como o capitalismo é uma etapa inevitável até o socialismo), como elos necessários de nossa corrente, etapas inevitáveis de nossa senda. Valorizamos até aqui cada um dos passos até a verdade que pode dar nossa ciência, pois não pensamos que tenha começado conosco; não renunciamos nem cedido a ninguém a ideia de associação de Aristóteles, nem a doutrina das ilusões subjetivas das sensações, também dele e dos céticos, nem a ideia de

²² “Oppenheim”(?): mesmo na versão russa não consta nenhuma inicial para esse sobrenome no índice de nomes. É homônimo a uma cidade alemã, mas em russo como no espanhol o contexto indica apresentação “de alguém” e não “em algum lugar”. Além disso tem-se que a única vez que Vigotski saiu da URSS, teria sido para ir a Londres. Não conseguimos localizar até o momento. Nota nossa – CED.

²³ William Shakespeare (1564-1616), poeta, dramaturgo e ator inglês, autor de numerosas obras cujos *títulos* são de conhecimento de todos e os *conteúdos* profundamente conhecidos por L. S. Vigotski. Nota nossa – CED.

causalidade de J. Mill²⁴, nem sua ideia da química psicológica de, nem o “materialismo refinado” de H. Spencer²⁵, no qual Dilthey via “não uma simples base, mas sim um perigo” (W. Dilthey, 1924) Em uma palavra, a totalidade da linha materialista em psicologia, que tão cuidadosamente rechaçam os idealistas. Sabemos que têm razão em uma coisa: “O oculto materialismo da psicologia descritiva... influenciou de forma corruptora a economia política, o direito penal, a doutrina do Estado” (Ibidem, p. 30).

²⁴ John Stuart Mill (1806-1873), filósofo e economista político inglês, um dos mais influentes pensadores na história do liberalismo, contribuiu amplamente para a teoria social, teoria política e economia política. Em ética foi oponente do utilitarismo desenvolvido por Jeremy Bentham (1748/1832). Também sistematizou conceitos em teoria do método científico. Em sua concepção, leis são descobertas através da observação e indução. Nota nossa – CED.

²⁵ Herbert Spencer (1820-1903), filósofo, antropólogo, sociólogo e teórico político liberal. Desenvolveu uma ampla concepção de evolução como progressivo desenvolvimento do mundo físico, dos organismos biológicos e da mente humana. Nota nossa – CED.

[5.2 Para o dialético cada passo para a verdade em ciência nos pertence]

A ideia da psicologia dinâmica e matemática de Herbart²⁶, dos trabalhos de Fechner²⁷ e Helmholtz²⁸, a concepção de H. Taine²⁹ sobre a natureza motriz da psique, assim como também a doutrina de Binet sobre o psiquismo postural ou a mímica interna, a teoria motriz de Ribot³⁰, a teoria periférica das emoções de James-Lange³¹, inclusive a doutrina da Escola de Würzburg³² sobre o pensamento,

²⁶ Johann Friedrich Herbart (1776-1841), filósofo, psicólogo e pedagogo alemão, sistematizador da pedagogia como disciplina acadêmica, na suíça tornou-se amigo de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), no campo da psicologia destacam-se suas contribuições sobre o “conceito do real” e a “apercepção”. Nota nossa – CED.

²⁷ Gustav Theodor Fechner (1801-1887), físico, filósofo e psicólogo experimental alemão, considerado um dos pioneiros na sistematização da “psicofísica”, publicando “Elementos de psicofísica” (1860). Estabeleceu relações entre quantidade de excitação e intensidade da sensação. Suas investigações contribuíram para chegar-se à enunciação da chamada “Lei de Weber-Fechner”. Cf. nota “62” sobre E. H. Weber (1795-1878), p. “38” deste material. Nota nossa – CED.

²⁸ Herman von Helmholtz (1821-1984), matemático, médico e físico alemão, cujo trabalho foi influenciado pela filosofia de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e de Immanuel Kant (1724-1804), contribuiu com teorias no campo da fisiologia e psicologia fisiológica. Nota nossa – CED.

²⁹ Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), crítico e historiador francês, buscava compreender o homem à luz de três determinantes: o meio, a raça e o momento histórico. Nota nossa – CED.

³⁰ Théodule-Armand Ribot (1839-1916), psicólogo francês, dedicou-se a uma visão materialista do psiquismo humano, prescindindo de tratar de supostos fatores “espirituais”. Alguns de seus conceitos teriam sido utilizados por Konstantin Sergueievitch Stanislávski (1863-1938) em seu sistema para o trabalho cênico. Nota nossa – CED.

³¹ Carl Lange (1834-1900), médico e psicólogo dinamarquês. De modo independente com relação a William James, desenvolveu teoria das emoções similar, identificando-as a seus aspectos fisiológicos, embora enfatizasse mais alterações vasomotoras enquanto James as viscerais. Realizou observações pioneiras sobre os efeitos psicoativos do elemento químico lítio. Nota nossa – CED.

³² Escola de Würzburg: retomando nota explanatória de Andrei Puzirei não publicada nas “Obras” de Vigotski, pode-se dizer que se trata de “tendência da psicologia alemã de começos deste século [o XX]. Chamada assim pelo lugar onde trabalham seus principais representantes” (Puzirei, 1989, p. 398). Coletamos seus nomes completos Oswald Külpe

ou sobre a atenção como atividade. Em uma palavra, cada passo até a verdade em nossa ciência nos pertence. Porque de dois caminhos elegemos um não porque nos agrada, mas porque o consideramos verdadeiro.

Por conseguinte, nessa via se reúne em sua totalidade o que a psicologia encerrava como ciência: desde a tentativa de focar cientificamente a alma até a tentativa do pensamento livre por dominar a psique, por muito que esta [a psique] se veja obscurecida e paralisada pela mitologia, porque a ciência é o caminho para a verdade, ainda que se o percorra através de erros. Porque aí encontramos {398;} justamente a senda que conduz à nossa ciência: na própria luta, na superação dos erros, nas dificuldades incríveis, no enfrentamento sobre-humano de preconceitos milenares.

[5.3 Para o dialético a história não começa consigo]

Não queremos ser ingênuos sem pai nem mãe; não padecemos de mania de grandeza, pensando que a história começa em nós nem queremos receber desta um nome limpo e trivial; queremos um nome no qual se assentaram pessoas por séculos. Nisso, precisamente, encontramos nosso direito histórico, a pretensão de realizar a psicologia como ciência. Devemos nos considerar unidos

(1862-1915), Narziss Kaspar Ach (1871-1946), Auguste Messer (1867-1937), Karl Ludwig Bühler (1869-1963), August Mayer (1874-1951), Henry Jackson Watt (1879-1925) e Otto Selz (1881-1943). O autor afirma que se contrapunham “à psicologia associacionista dominante de então [...] e fizeram as primeiras tentativas de investigar experimentalmente (mesmo que de forma introspectiva) o *pensamento*; em ditas investigações se mostrou a especificidade do pensamento, seu caráter ativo e orientado a um objetivo, sua irreduzibilidade a associações e elementos sensoriais” Puzirei, 1989, p. 398. Nota nossa – CED.

e relacionados com o que é anterior a nós, porque inclusive quando o estamos negando nos apoiamos nele.

Podem dizer: em sentido estrito esse nome não pode aplicar-se hoje à nossa ciência, pois muda de significado a cada época. Mas digamos um nome, tão somente uma palavra, que não tenha mudado seu significado. Cometemos um erro lógico ao falarmos de tinta azul³³ ou de arte do voo³⁴? Mais propriamente, somos fiéis a outra lógica, a da linguagem. Se o geômetra continua denominando hoje a sua ciência com um nome que significou “agrimensura”³⁵, o psicólogo pode denominar a sua com um nome que em outros tempos significou “estudo da alma”. Se hoje o conceito de agrimensura é demasiado reduzido, para a geometria, em outros tempos significou um avanço decisivo, ao qual toda a geometria deve sua existência; e se hoje a ideia da alma se tornou reacionária para nós, em algum tempo foi a primeira hipótese científica do homem antigo, uma enorme conquista do pensamento, à qual hoje devemos a existência de nossa ciência. Os animais seguramente não possuem ideia de

³³ Aqui entendemos do que se trata, porque a palavra “tinta”, em russo “tchernila” [чернила] tem origem no nome da cor “preto”, em russo, “tchiorni” [чёрный]. De modo que alguém absurdamente literalista, não falasse de “tinta” doutra cor que não o preto. Mas o significado etimológico da palavra “tinta” já não é socialmente relevante, ele muda, por isso há “preto” de muitas cores... Nota nossa – CED.

³⁴ Trata-se em russo de uma declinação para “летное искусство” [*letnoe iskusstvo*]. Como o adjetivo neutro “letnoe” (literalmente “de aviação, de voo”) declinado tem a forma “letom” os tradutores do espanhol confundiram isso com o instrumental do substantivo “лето” [*loto*], literalmente “verão”, que também é “letom”. Porém, claramente se trata de um adjetivo para a arte. Não se pode fazer uma relação de adjetivação do substantivo “arte” com o instrumental de um outro substantivo. De modo que “arte de verano” na tradução espanhola fica incompreensível, enquanto “arte do voo” faz sentido, pois o significado antigo do termo não coincide com o atual. Já que aviador é um profissional, e a aviação não é considera arte. Nota nossa – CED.

³⁵ Ocorre que tal dissonância entre o nome da disciplina científica e os radicais que compõe a palavra “agrimensura” é mais evidente em russo. Porque se trata de “землемерие” [*zemlemerie*], cuja morfologia indica literalmente “medida da terra”. Em português fica simples traduzir “geometria”, porque o radical “геометрия” [*geometriia*], cognata com relação ao português “geometria” enquanto “zemlemerie” não é cognata com relação a “agrimensura”, termo idêntico em espanhol e português. Nota nossa – CED.

alma e nem psicologia. Nós compreendemos historicamente que a psicologia devia iniciar-se com a ideia de alma. Não podemos considerar isso fruto de ignorância ou erro, da mesma maneira que não consideramos a escravidão resultado de mal caráter. Sabemos que a ciência como caminho da verdade inclui obrigatoriamente e em qualidade de momentos necessários, equívocos, falhas, preconceitos. O essencial para a ciência não é que se produzam, mas que, mesmo se tratando de erros, conduzem à verdade, que são superáveis. Por isso aceitamos o nome de nossa ciência com todas as marcas que deixaram nela os erros seculares, como sinal vivo de superação, como cicatrizes de feridas abertas em luta, como testemunho vivo da verdade, que se abre caminho para si através do incrível enfrentamento com a falsidade.

[5.4 Acaso o marxismo se nega a conhecer seus antecessores?]

Em essência, assim é como procedem todas as ciências. Supomos que os construtores do futuro começam tudo desde as bases, que não são finalizadores e herdeiros de tudo que há de verdadeiro na experiência humana? Supomos que careçam de aliados no passado? Supomos que nos indiquem uma só palavra, um só nome científico que se possa aplicar em sentido literal³⁶? Supomos que as matemáticas, a filosofia, a dialética, a metafísica, signifiquem o mesmo que em outros tempos? Supomos que não nos digam que dois ramos de conhecimento sobre um mesmo objeto devem ter obrigatoriamente o mesmo nome. Supomos que recorde a lógica e

³⁶ Em espanhol: “sentido literal”, em russo o termo é “буквальном смысле” [*bukval’nom smisle*]. Aqui os tradutores espanhóis mantêm “sentido” para “*smisl*” diferente do que fazem no título geral da obra. Vigotski ainda não havia feito a discussão apurada sobre as relações entre “significado” e “sentido” nesse momento histórico. Porém a utilização ora de “sentido” ora de “significado” para traduzir “*smisl*” é totalmente arbitrária na edição espanhola, não tem justificativa teórica. Nota nossa – CED.

a psicologia do pensamento. As ciências não se classificam e se significam pelo objeto de estudo, {399:} mas pelos princípios e finalidades do estudo. Por acaso se nega o marxismo em conhecer seus antecessores em filosofia? Só as mentes anti-históricas e carentes de espírito criador se dedicam a inventar novos nomes e ciências, mas ao marxismo não cabe essa atitude. Tchelpánov alega ante este problema que na época da Revolução Francesa o termo “psicologia” foi substituído pelo de “ideologia”³⁷, posto que naquela época a psicologia era a ciência da alma; a ideologia [*ideológuiia*], por seu turno, era considerada uma parte da zoologia, e se dividia em fisiológica e racional. Isso é verdade, mas o dano tão incalculável que ocasionou este emprego anti-histórico desta palavra pode ser confirmado ao vermos em que resulta decifrar, inclusive hoje, determinadas passagens sobre a ideologia [*ideológuiia*] nos termos de Marx³⁸. Que ambiguidade encerra esse termo que dá margem a “investigadores” como Tchelpánov afirmarem que, para Marx, ideologia significa psicologia. Nessa forma terminológica está, em parte, a causa de que papel e importância da velha psicologia foram subestimados na história de nossa ciência. E, finalmente, se vê uma autêntica ruptura com seus verdadeiros antecessores, uma ruptura para com a linha viva da unidade: Tchelpánov, que havia declarado que a psicologia não tinha nada em comum com a fisiologia, jura agora em nome da Grande Revolução que a psicologia sempre foi fisiológica e que “a psicologia científica atual é obra da psicologia da

³⁷ Aqui a palavra russa traduzida ao espanhol por “ideologia” é, “ИДЕОЛОГИЯ” em contraste com outro momento em que se traduziu “мировоззрение” [*mirovozzrenie*] por “ideologia”, enquanto literalmente seria “visão de mundo” ou “cosmovisão”. Cf. nota “49” na página “27” deste material. Nota nossa – CED.

³⁸ Karl Heinrich Marx (1818-1883), filósofo alemão, articulista para jornais, agitador político socialista, profundo e original estudioso da economia capitalista, entre muitos predicados. Autor fundamental para a psicologia de Vigotski, do ponto de vista do método dialético materialista, entendendo “método” como “caminho da cognição” o qual não pode se isentar de ter na *práxis* sua meta e seu momento de culminância, na busca pela verdade. Nota nossa – CED.

Revolução Francesa” (G. I. Tchelpánov, 1924, p. 27). Só uma ignorância ilimitada ou contar premeditadamente com a ignorância alheia poderiam ditar essas linhas. Qual psicologia atual? A de Mill ou a de Spencer? A de Bain³⁹ ou de Ribot? Então é verdade. Mas a de Dilthey e Husserl? Bergson e James? Münsterberg e Stout⁴⁰? Meinong⁴¹ e Lipps⁴²? Frank e Tchelpánov? Pode caber maior falsidade?

Qual psicologia científica atual seria obra da psicologia da Revolução Francesa?	
<p>A de Mill? A de Spencer? A de Bain? A de Ribot?</p>	<p>A de Dilthey? A de Husserl? A de Bergson? A de James? A de Münsterberg? A de Stout? A de Meinong? A de Lipps? A de Frank? A de Tchelpánov?</p>
<p>“Então é verdade”</p>	<p>Então “Não há maior falsidade”</p>

³⁹ Alexander Bain (1818-1903), filósofo e educador escocês, inovador nos campos da psicologia, lógica, filosofia moral entre outros. Nota nossa – CED.

⁴⁰ George Frederick Stout (1860-1944), filósofo e psicólogo inglês de orientação idealista, criticou as tendências associacionistas naturalistas. Nota nossa – CED.

⁴¹ Alexius Meinong (1853-1920), filósofo realista austríaco, conhecido por sua peculiar ontologia, trouxe contribuições também à filosofia da mente e à axiologia. Categoriza três modalidades de ser e não ser: “existência”, “substância” e “abstenção”. Assim como distingue quatro classes de objetos às quais correspondem quatro classes de atos psicológicos: “representação para o objeto”, “pensamento para os objetivos”, “sentimento para os designativos”, e “desejo para os desiderativos”. Nota nossa – CED.

⁴² Theodor Lipps (1851-1914), filósofo alemão, bastante dedicado a questões estéticas. Foi um sistematizador do conceito de inconsciente que veio a influenciar Sigmund Freud (1856-1939). Nota nossa – CED.

Porque todos estes construtores da nova psicologia estabeleceram como base da ciência outro sistema, contrário ao de Mill e Spencer, Bain e Ribot, caducaram com estes mesmos nomes com os quais se encobre Tchelpánov “se fazendo de cachorro morto”. Entretanto, Tchelpánov se encobre com nomes alheios e contrários a eles, aproveitando-se da ambiguidade do termo “psicologia atual”. Sim, na psicologia atual há um ramo que pode ser considerado obra da psicologia revolucionária⁴³. Mas Tchelpánov por toda vida (e agora) limitou toda a vida (inclusive agora) só fez tratar de encurralar esse ramo na parte mais obscura da ciência e separá-la da psicologia.

[5.5 Sobre o perigo de assumir nome geral anti-historicamente]

Repitamos uma vez mais: que perigoso é um nome geral e que, anti-historicamente, assumiram os psicólogos da França que o traíram!

Este nome foi introduzido inicialmente por Goclenius⁴⁴, professor de Marburgo em 1590, adotado por seu discípulo Casmann⁴⁵ em

⁴³ Ainda se refere à Revolução Francesa, processo que transcorreu entre 1789 e 1799 e tem por marco simbólico principal a “Queda da Bastilha” em 14 de julho de 1789. Nota nossa – CED.

⁴⁴ Rudolph Goclenius (1547-1678), filósofo escolástico alemão, a quem se atribui ter cunhado, por neologismo, o termo “psicologia” em 1590. Tal versão é contraposta com a de que o poeta croata Marko Marulić (1450-1524) já o houvera feito há, pelo menos, 66 anos antes. Goclenius deixou contribuições no campo da ontologia ampliando algumas ideias de Aristóteles. É provável que Vigotski seja categórico por estar se referindo ao ato de relacionar tal palavra com a realidade a que ela se refere como processo social e atividade humana de investigação do psiquismo, algo que talvez o poeta croata não pretendesse fazer. A determinação precisa de datação e autoria para o neologismo “psicologia” exigiria acesso a fontes primárias, ou cópias fíéis das mesmas. Entretanto alguém que a tivesse dito/escrito antes e disso não deixasse indício, continuaria anônimo. Isso não muda o que a palavra vem a designar hoje: uma “ainda não ciência sobre o devir social da personalidade consciente”. Nota nossa – CED.

⁴⁵ Otto Casmann (1562-1607), humanista alemão, convertido do catolicismo ao protestantismo quando jovem, estudou na Universidade de Marburgo sob a orientação de

1594, e não por C. Wolff, nem tampouco, em meados do século XVIII, nem tampouco Melanchton⁴⁶ o empregou pela primeira vez, como se pode pensar. Ivanovski⁴⁷ o utilizou como nome para denominar a parte da antropologia, que, junto com a somatologia, constituem uma ciência. A atribuição desse termo a Melanchton se baseia no prólogo do editor ao tomo XIII de suas obras, no qual se o assinala erroneamente como o primeiro autor de uma psicologia. Langué⁴⁸, com todo direito, conservou o {400:} nome, autor da psicologia sem alma. Mas, “assumimos que a psicologia se chama teoria da alma?” – pergunta. Como cabe imaginar uma ciência que põe em dúvida se dispõe ou não de um objeto ao qual estudar? Mas Langué considerava pedante ou pouco prático renunciar à autodenominação tradicional pelo fato de haver variado o objeto da ciência e evitava aceitar sem vacilar a psicologia sem alma.

[5.6 Deixa-se de expressar psicologia com uma só palavra]

É precisamente a partir da reforma de Langué que começa a interminável confusão com o nome psicologia. O nome em si

Rudolf Goclenius (1547-1628), foi considerado importante para a psicologia por iniciar uma separação deste campo com relação ao quadro metafísico de Aristóteles. Nota nossa – CED.

⁴⁶ Philipp Melanchthon (1497-1560), reformador, astrólogo e astrônomo alemão, colaborador de Lutero. Após a morte deste, foi o principal líder do luteranismo. Alguns consideram sua obra “De anima” (sobre a alma) como psicologia. Como diz Vigotski, “cogita-se” ter sido o primeiro a cunhar o neologismo “psicologia”, a partir de radicais gregos, mas não temos as fontes dessa versão. Nota nossa – CED.

⁴⁷ Vladímir Nikoláevitch Ivanovski (1867-1939), filósofo russo e soviético, pedagogo da escola superior. Entre outras obras escreveu “Associacionismo em psicologia e gnosilogia” (1905), “Para o problema da gênese do associacionismo” (1910) e “Introdução metodológica à ciência e à filosofia” (1923). Nota nossa – CED.

⁴⁸ Nikolai Nikolaevitch Langué (1858-1921), psicólogo russo, realizou estudos experimentais sobre a percepção, a atenção voluntária, entre outros. Nota nossa – CED.

deixou de significar algo e foi necessário acrescentar-lhe a cada vez: “sem alma”, “sem metafísica alguma”, “baseada na experiência”, “desde o ponto de vista empírico” e assim indefinidamente. Simplesmente, a expressão da psicologia com uma só palavra deixou de existir. Aí reside o erro de Langué: ao adotar o nome velho, não o modificou totalmente, não o delimitou, não superou o separou da tradição. Já que a psicologia carece de alma, o que tem já não é psicologia, mas outra coisa. Mas aqui, naturalmente, lhe faltaram não boa vontade, mas forças e tempo; a sua análise foi daquelas as quais faltou amadurecimento.

Esta questão terminológica continua em pé e faz parte do problema da divisão de duas ciências.

[6 Como denominaremos a psicologia científico-natural?]

[6.1 Pluralidade de nomes para a psicologia científico-natural]

São sinônimos para “Psicologia científico-natural”:
<ul style="list-style-type: none">• Psicologia “objetiva”• “Nova” psicologia• Psicologia “marxista”• Psicologia “científica”• “Ciência do comportamento”• (...)

Como denominaremos a psicologia científico-natural? Com frequência a chamam agora de “objetiva”, “nova”, “marxista”, “científica”, “ciência do comportamento”. Naturalmente, manteremos para ela o nome de psicologia. Mas, qual? Como vamos

diferenciá-la de outro sistema de conhecimentos que utilize o mesmo nome. É suficiente enumerar uma pequena parte das definições que se aplicam atualmente à psicologia para ver que carecem de unidade lógica em seu fundamento: umas vezes, o termo significa a escola do behaviorismo, outras a psicologia da Gestalt, outras o método (da psicologia experimental; da psicanálise...); outras o princípio de construção (eidético, analítico, descritivo, empírico); outras o objeto da ciência (funcional, estrutural, efetivo, intencional); outras o campo da investigação (“psicologia individual”); outras a visão de mundo⁴⁹ (personalismo, marxismo, espiritualismo, materialismo); outras, muitas coisas mais (subjéctiva – objectiva, construtiva–reconstrutiva, fisiológica, biológica, associativa, dialéctica e ainda mais e mais). Se fala frequentemente de histórica e compreensiva, explicativa e intuitiva, científica (Blonski⁵⁰) e “científica” (no sentido do científico-natural dos idealistas).

Pequena parte das definições da “Psicologia científico-natural” sob diferentes critérios	
Crítérios	Pequena parte das definições
Quanto à escola de pensamento:	<ul style="list-style-type: none"> • Escola do behaviorismo • Psicologia da Gestalt

⁴⁹ Aqui o termo exato na versão russa é “мировоззрение” [*mirovozzrenie*], que significa literalmente “visão de mundo; compreensão de mundo; cosmovisão”. O que foi erroneamente traduzido ao espanhol como “ideologia” (cf. Vigotski, 1926-27/1982, p. 431). Dizemos “erroneamente” porque no sentido propriamente marxista do termo tal palavra significa “falseamento da realidade”, “visão parcial válida para uma classe, que se transveste de visão universal a ser acatada por todas as classes”, etc. Sendo incongruente tomar o próprio “marxismo” como “ideologia” (cf. Vygotski, 1926-27/1991, p. 400). Nota nossa – CED.

⁵⁰ Pavel Petróvitch Blonski (1884-1941), filósofo, pedagogo e psicólogo russo e soviético, defensor de que o estudo do comportamento deve ser o da história do comportamento. Vigotski o teve como professor de disciplinas da área pedagógica na faculdade histórico-filológica da Universidade Popular de Shaniávski, em Moscou (cf. Veresov, 1999, p. 51-52). Nota nossa – CED.

Quanto ao método:	<ul style="list-style-type: none"> • Método da psicologia experimental • Método da psicanálise
Quanto ao princípio de construção:	<ul style="list-style-type: none"> • Princípio eidético • Princípio analítico • Princípio descritivo • Princípio empírico
Quanto ao objeto da ciência:	<ul style="list-style-type: none"> • Funcional • Estrutural • Efetivo • Intencional
Quanto à “visão de mundo”	<ul style="list-style-type: none"> • Personalismo • Marxismo • Espiritualismo • Materialismo
Quanto a muitas coisas mais:	<ul style="list-style-type: none"> • Subjetiva – Objetiva • Construtiva – Reconstitutiva • Fisiológica • Biológica • Associativa • Dialética • Histórica e compreensiva • Explicativa e intuitiva • Científica (no sentido de Blonski) • Científica (no sentido dos idealistas)

[6.2 Depois disso, que significa a palavra psicologia?]

Que significa, depois disso a palavra “psicologia”? “Logo chegará o tempo – diz Stout – em que a ninguém ocorra escrever um livro sobre psicologia em geral, como a ninguém ocorre escrever sobre matemática em geral” (1923, p. 3). Todos os termos são instáveis, não se excluem logicamente uns aos outros, não estão definidos, são confusos e obscuros, polissêmicos, casuais, e assinalam traços secundários, o que não apenas não ajuda a nos orientarmos, como nos confunde ainda mais. Wundt chamou sua psicologia de fisiológica e logo se arrependeu, considerando isso um erro, e

passando a estabelecer que essa sua mesma obra deveria ser denominada experimental.

{401:} Esta é a melhor ilustração do pouco que significam todos estes termos. Para uns, “experimental” é sinônimo de “científica”, para outros, é tão apenas a denominação do método. Assinalaremos unicamente os adjetivos que se aplicam mais frequentemente à psicologia estudada desde a perspectiva marxista.

[6.3 Inadequação dos adjetivos “objetiva” e “comportamental”]

Não creio ser conveniente, por exemplo, chamar a psicologia de objetiva. Tchelpánov assinala, com razão, que este termo é utilizado em psicologia pela ciência estrangeira das mais diversas acepções, e também entre nós, conseguiu gerar numerosas ambiguidades e ajudou a confundir o problema gnosiológico e metodológico do espírito e da matéria. Este adjetivo serviu para confundir o método como procedimento técnico com o método como caminho da cognição, o que teve como consequência que o método dialético se interprete ao mesmo nível que o das enquetes, como igualmente objetivos. Permitiu também que se tomasse por fato que nas ciências naturais se suprimiu toda utilização de índices e distinções subjetivos, de conceitos que em sua gênese foram subjetivos. Com frequência, o termo “objetivo” foi vulgarizado e equiparado a verdadeiro e “subjetivo” a falso, sob a utilização vulgar da palavra. Além disso, o adjetivo “objetiva” não expressa em geral o “x” da questão: só reflete a essência da reforma no sentido condicional e parcial. Finalmente, uma psicologia que pretenda constituir-se em doutrina do subjetivo ou queira, através de determinadas vias,

explicar também o subjetivo, não deve erroneamente denominar-se objetiva.

Seria também errôneo denominar a nossa ciência psicologia comportamental, porque este novo termo, assim como o anterior, não consegue separar-nos de toda uma série de correntes e, portanto, não atinge seu objetivo. É, ademais, falso, porque também a nova psicologia quer conhecer a psique. O adjetivo “comportamental” tem um matiz caseiro, pequeno-burguês, que o tornou atrativo aos americanos. Por exemplo quando se propõe a tarefa de criar uma ciência, J. Watson diz “a representação da personalidade na ciência do comportamento e no bom senso⁵¹” (1926, p. 355), identificando assim um significado e o outro, para o “homem comum”, ao “tratar da ciência do comportamento não notei mudança nenhuma no método, ou qualquer alteração no objeto” (Ibidem, p. IX). A uma ciência a qual, entre seus problemas, ocupe-se e se dirija a: “Porque Jorge Smith abandonou sua mulher” (Ibidem, p. 5). A uma ciência que comece por descobrir métodos cotidianos, que não possa formular diferenças entre eles e métodos científicos, e reduza toda diferença a tratar-se de um estudo ou casos cotidianos irrelevantes, que não interessam ao bom senso [*zdravii smis*]. A tal ciência, o termo “comportamento” é o mais adequado. Mas se concluirmos de que tal proposição é logicamente inconsistente e toma por critério, por exemplo, que o peristaltismo dos intestinos, a secreção da urina ou as inflamações devem ser excluídos da ciência... {402:} E se nos constarmos que [comportamento] é termo polissêmico,

⁵¹ Em russo “здравый смысл [*zdravii smis*]: bom senso” (Lingvo, 2010). Em espanhol optou-se por traduzir por “senso comum”. Mas isso tem peso pejorativo em português, e o dicionário produzido na Rússia não registra tal possibilidade. Além do que o adjetivo “zdravii”, literalmente significa “sadio, razoável, judicioso” (idem). Nota nossa – CED.

indefinido, que para Blonski e Pavlov, para Watson e Koffka⁵² significa coisas totalmente distintas, o descartaremos sem hesitar.

[7 Sobre o termo “psicologia marxista”]

[7.1 Psicologia marxista como definição errônea]

{402:} Ademais, eu também consideraria errônea a definição da psicologia como “marxista”. Já disse que não é possível escrever manuais desde o ponto de vista do materialismo dialético (V. Y. Struminskii⁵³, 1923; K. N. Kornílov⁵⁴, 1925); mas também considero o título “Ensaio de psicologia marxista” dado por Réisner⁵⁵ à tradução do livro de Jemson⁵⁶ constitui um emprego equivocado da palavra. Inclusive conceituo como errôneas e aventureiras

⁵² Kurt Koffka (1886-1941), foi um psicólogo alemão, ao lado de Max Wertheimer (1880-1943) e seus associados mais próximos, sistematizaram a psicologia da Gestalt (por vezes em Vigotski denominada “psicologia estrutural”). Interessado por temas como a percepção, interpretação e aprendizagem, buscou estender a teoria da Gestalt à psicologia do desenvolvimento. Nota nossa – CED.

⁵³ Vasili Iakovlevitch Struminskii (1880-1967), teórico e historiador soviético da pedagogia, contribuiu para os problemas teóricos e práticos da escola soviética para o trabalho. Nota nossa – CED.

⁵⁴ Konstantin Nikolaevitch Kornílov (1879-1957), psicólogo soviético, acadêmico da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética Russa). Propositor da psicologia marxista como única adequada à sociedade soviética. Obteve posto de diretor do Instituto de Psicologia de Moscou, em 1923, derrotando as posições de Gueorgii Ivanovitch Tchelpánov (1862-1936). Logo passando a liderar pesquisadores mais tarde notórios no cenário internacional. Como Aleksandr Romanovitch Luria (1902-1977), Aleksei Nikolaevitch Leontiev (1905-1979) e Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), entre outros. Nota nossa – CED.

⁵⁵ Mikhaíl Andreevitch Reisner (1868-1928), estudioso da área jurídica, publicista, sociopsicólogo e historiador russo. Nota nossa – CED.

⁵⁶ Não encontramos, até o momento, em nossas buscas, dados biográficos para L. Jemson, (Л. Джемсон). Nota nossa – CED.

combinações como “reflexologia e marxismo” quando se fala sobre determinadas correntes de trabalho dentro da fisiologia, avalio como injusto e arriscado. E não porque duvide da possibilidade deste enfoque, mas porque se tomam magnitudes incomensuráveis, mas sim porque desaparecem valores intermediárias, que são os únicos que possibilitam tal enfoque: se perde e se deforma a escala. Porque o autor não julga toda a reflexologia do ponto de vista de todo o marxismo, senão apenas manifestações isoladas de grupos de marxistas-psicólogos. Seria errôneo por exemplo propor um tema assim: “o soviét rural e o marxismo”, mesmo que não caiba dúvida de que a teoria do marxismo conte com não menos recursos para ilustrar a questão do soviét rural que a relativa à reflexologia; mesmo que o soviét Volga seja uma ideia diretamente marxista, está vinculada a todo um conjunto. E, no entanto, recorreremos a outras escalas, utilizamos conceitos intermediários, mais concretos e menos universais: falamos do poder soviético e do soviét rural, da luta de classes e do soviét rural. Não a tudo relacionado com o marxismo se deve chamar marxista e, de fato, na maioria dos casos assim se entende, sem mais explicações. Se a isso acrescentamos que os psicólogos costumam apelar no marxismo ao materialismo dialético, isto é, a seu aspecto mais universal e generalizado, a falta de correspondência de escala se torna ainda mais patente.

[7.2 Para todos os fins, a psicologia marxista ainda não existe]

Ademais e finalmente, há que assinalar uma dificuldade especial na aplicação do marxismo a novas áreas: precisamente pela situação especial que atravessa hoje esta teoria; pela enorme responsabilidade que representa o emprego deste termo; pela especulação política e ideológica sobre qual é o seu objeto; por tudo isso, não parece hoje muito oportuno falar de “psicologia marxista”. Mais convém que

outros digam que nossa psicologia é marxista do que nós a denominemos assim; apliquemo-la aos fatos e esperemos que digam palavras que se referem a isso. Para todos os fins, a psicologia marxista ainda não existe, há que compreendê-la como tarefa histórica não como algo dado. Partindo deste estado é difícil subtrair a impressão de falta de seriedade científica e de irresponsabilidade que implica empregar este nome.

[7.3 Sobre Adler e a síntese marxismo e psicologia]

Por adição, a síntese entre psicologia e marxismo não é levada a cabo por uma escola apenas. E empregar este termo na Europa, com facilidade, gera confusão. Por exemplo, quiçá sejam poucos os que saibam que inclusive a psicologia individual de Adler⁵⁷ se considera vinculada ao marxismo. E {403:} convém recordar sempre os fundamentos metodológicos de uma psicologia em particular para saber de qual psicologia estamos falando. Quando demonstrava seu direito de considerar científica esta psicologia individual, Adler remetia a Rickert⁵⁸, para quem a palavra “psicólogo” ao ser aplicada a um naturalista ou a um historiador, tem dois significados distintos; se não se faz isso não se pode chamar de psicologia, porque não tem nada a ver com a psicologia. E os teóricos da nova escola admitiram

⁵⁷ Alfred Adler (1870-1937), médico, filósofo, psicólogo austríaco, militante socialista, sistematizador da chamada “psicologia individual”. É uma referência bastante presente nos escritos de Vigotski em defectologia, nos quais o bielorrusso se vale criticamente de conceitos do austríaco como “defeito”, “compensação” e “complexo de inferioridade”, tomando-os numa perspectiva distinta, criticando e afastando-se do idealismo implícito à concepção geral de seu propositor. Nota nossa – CED.

⁵⁸ Heinrich Rickert (1863-1936), filósofo alemão, um dos principais neo-kantianos, conhecido por sugerir que deve ser feita uma distinção qualitativa entre fatos históricos e fatos científicos. Questiona a noção de “valores vitais” em Henri Bergson (1859-1941), Wilhelm Dilthey (1833-1911), e Georg Simmel (1858-1918), afirmando que os valores demandam uma “distância da vida”. Nota nossa – CED.

que a psicologia histórica de Rickert e a psicologia individual são o mesmo (L. Binswanger, 1922).

“A psicologia se dividiu em duas, e a discussão gira unicamente acerca do nome e da possibilidade de um novo ramo independente. Como ciência natural a psicologia é impossível, e ao nível do individual não se pode estabelecer lei alguma; mas não pretende explicar, e sim compreender” (Binswanger, 1922)

Foi K. Jaspers⁵⁹ quem introduziu esta divisão na psicologia, ainda que para ele essa psicologia “compreensiva” seja a fenomenologia de Husserl. Como base de toda psicologia é muito importante e inclusive insubstituível, mas não é nem quer ser uma psicologia individual. A psicologia compreensiva pode partir unicamente da teleologia e foi Stern quem assentou as bases desta psicologia: o personalismo não é mais que outro nome da psicologia compreensiva. Mas o personalismo trata de estudar a personalidade com meios da psicologia experimental, aplicando os meios das ciências naturais à psicologia diferencial, mesmo que desta maneira a explicação e a compreensão se tornem igualmente incompletas: só a intuição – e não o pensamento discursivo causal pode conduzir ao objetivo. Esta psicologia considera, pois, o título de “filosofia do eu” como honroso, e isso é o que quer dizer. Pois bem, essa psicologia, sobre cuja natureza não pode caber a menor dúvida, é a que remete em seus métodos, (e um bom exemplo é sua teoria da psicologia de massas), ao marxismo, a teoria da base e da

⁵⁹ Karl Theodor Jaspers (1883-1969), psiquiatra e filósofo germano-suíço, que teve forte influência na psiquiatria, filosofia e teologia modernas. É, com frequência, visto como um grande expoente do existencialismo na Alemanha. Colocou em questão tantos os critérios diagnósticos quanto os métodos da psiquiatria clínica. Uma de suas recomendações foi a de que os psiquiatras deveriam diagnosticar os sintomas do sofrimento mental (em especial a psicose) mais por sua forma que por seu conteúdo. Nota nossa – CED.

superestrutura, como a seu fundamento natural (W. Stern, 1924). É a que ofereceu à psicologia social o melhor e até agora mais interessante projeto de síntese do marxismo e da psicologia individual na teoria da luta de classes: o marxismo e a psicologia individual devem ser, e estão, convocados a aprofundar-se e fecundar-se mutuamente. – A tríade hegeliana é aplicável à vida espiritual, do mesmo modo que à economia (assim como entre nós). Este projeto, despertou interessante polêmica, na que tanto a pertinência das ideias que se defendem, como as questões que se abordam, podemos aplicar um enfoque crítico plenamente marxista. Se Marx nos ensinou a compreender os fundamentos econômicos da luta de classes, Adler por sua vez fez o mesmo para os fundamentos psicológicos.

[7.4 O perigo do termo “marxista” usado de forma eclética]

Isto [o exemplo de Adler] não apenas ilustra a enorme complexidade da situação da psicologia na que cabem combinações das mais inesperadas e paradoxais, como também o perigo deste termo (por certo, há ainda outro destes paradoxos: esta mesma psicologia disputa com a reflexologia russa o direito à teoria {404:} da relatividade). Se a psicologia marxista designa a teoria eclética e sem princípios, superficial e semi-científica de Jemson, se a maioria dos influentes psicólogos da Gestalt se consideram também marxistas em seu labor científico, o termo “marxista” perde precisão. Ao ser aplicado a escolas psicológicas incipientes, que ainda não conquistaram o direito de “marxismo”. Recordo minha enorme estranheza quando me dei conta disso em uma inocente conversa. Mantinha, como um dos psicólogos mais cultos, o seguinte diálogo:

“De que psicologia vocês se ocupam na Rússia? Que sejam marxistas ainda não diz nada acerca de que tipo de psicólogos são. Conhecendo a popularidade de Freud na Rússia, pensei, a princípio, nos adleristas: porque eles também são marxistas. Mas, o que vocês têm não é uma psicologia completamente distinta? Nós também somos socialdemocratas, mas também somos darwinistas e além disso copernicanos”

Um raciocínio decisivo me confirma que ele tinha razão, segundo meu ponto de vista. Na realidade nós não chamaremos nossa biologia de “darwinista”. Isso é algo que se inclui no próprio conceito de ciência, porque faz parte da ciência o reconhecimento das mais importantes concepções. Um historiador marxista nunca diria “história marxista da Rússia”. Ele considera que isso deriva dos próprios fatos. “Marxista” é, para ele, sinônimos de “verdadeira”, “científica”; não reconhece outra história além da marxista. E para nós, a questão deve ser posta assim: nossa ciência se converteria em marxista na medida em que se convertesse em verdadeira, científica; e é precisamente à sua transformação em verdadeira e não a coordená-la com a teoria de Marx que vamos nos dedicar. Tanto para preservar o legítimo significado da palavra, como por responder à essência do problema não podemos dizer: “psicologia marxista”, no sentido que se diz: psicologia associativa, experimental, empírica, eidética. A psicologia marxista não é uma escola entre outras, mas a única psicologia verdadeira como ciência; outra psicologia separada dela, não pode existir. E ao mesmo tempo: tudo que houve e há de verdadeiramente científico na psicologia faz parte da psicologia marxista: este conceito é mais amplo que de escola e inclusive que de corrente. Coincide com o conceito de psicologia científica em geral, onde quer que se estude e quem quer que o faça.

[8 Sobre o termo “psicologia científica”]

Neste sentido, Blonski (1921) emprega o termo “psicologia científica”. E tem toda razão. Tudo o que desejamos fazer, o significado de nossa reforma, nossa discrepância com os empíricos, o caráter fundamental de nossa ciência, nosso objetivo e o volume de nossa área, seu conteúdo e o método de execução, tudo isso, se expressa nesse termo.

Um termo que me satisfaria completamente, se não fosse desnecessário. Dito de modo mais exato: o significado está já evidente: o adjetivo não pode acrescentar absolutamente nada a respeito do substantivo ao qual qualifica. Porque “psicologia” é o nome de uma ciência, e não de uma obra de teatro ou de uma película cinematográfica: só pode ser científica. A ninguém ocorreria chamar de astronomia a descrição do céu em um romance; tão ruim seria o nome de “psicologia” à descrição dos pensamentos de {405:} Raskólnikov⁶⁰ e dos desvarios de Lady Macbeth⁶¹. Tudo o que não descreve cientificamente a psique não é psicologia, mas algo distinto, qualquer coisa: publicidade, resenha, crônica, literatura, lírica, filosofia, mentalidade pequeno-burguesa, murmúrios e outras mil coisas distintas. Porque o termo “científico” não apenas é aplicável ao ensaio de Blonski, mas também às investigações de Müller sobre a memória e aos experimentos de Köhler com os macacos, e à teoria

⁶⁰ Protagonista da obra literária “Crime e Castigo”, publicada em 1866, de autoria de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881). Nota nossa – CED.

⁶¹ Nome da personagem que figura como esposa de Macbeth, em obra homônima, escrita entre 1603 e 1607, por William Shakespeare (1564-1616). Cf. nota “18”, página “15” quanto aos estudos comparativos de Vigotski sobre tragédias de Shakespeare em “Psicologia da Arte” (1925/1999). Nota nossa – CED.

dos limiares de Weber⁶²–Fechner, e à teoria da brincadeira de Groos⁶³, e à teoria do adestramento de Thorndike, e à teoria da associação de Aristóteles, isto é, a tudo o que na história e na atualidade pertence à ciência. Disponho-me a apostar que teorias, hipóteses e fundamentações notoriamente simuladas, refutáveis e duvidosas também podem ser científicas. Porque o científico não coincide com o incontestável. Um bilhete de teatro pode ter validade incontestável e não ser científico. A teoria de Herbart dos sentimentos como relações entre representações é indubitavelmente incorreta, tanto quanto indubitavelmente científica; só o fim e os meios determinam o caráter científico de qualquer teoria. Por isso dizer “psicologia científica” é o mesmo que não dizer nada. É melhor dizer, simplesmente, “psicologia”.

Não nos resta mais do que aceitar este nome. Ele enfatiza perfeitamente o que buscamos: as dimensões e o conteúdo de nossa tarefa. Porque esta não consiste em criar uma escola junto a outras escolas. Nem delimita uma parte ou faceta determinada, nem um problema, nem um procedimento de interpretação da psicologia, junto com outras partes, escolas, etc., análogas. Se trata de toda a psicologia em toda sua dimensão: de uma psicologia única, que não admite nenhuma outra. Se trata de realizar a psicologia como ciência.

Por isso, diremos simplesmente: psicologia. O que faremos será explicar com outros termos outras correntes e escolas e separar delas o científico e o não científico, a psicologia do empirismo, da

⁶² Ernst Heinrich Weber (1795–1878), médico alemão, figura influente nas áreas da fisiologia e psicologia, considerado um dos sistematizadores da “psicologia experimental”. Propositor da chamada “Lei de Weber”, ou “Lei de Weber-Fechner” que contribui para o estudo de eventos psicológicos mediante atribuição de valores quantitativos para estímulos físicos. Nota nossa – CED.

⁶³ Karl Groos (1861-1946), filósofo e psicólogo alemão, que propôs uma teoria evolutiva instrumentalista da brincadeira, além de relacioná-la com a estética. Nota nossa – CED.

teologia, do idealismo e tudo mais que aderiu a nossa ciência ao longo dos séculos de sua existência, como a bordo de um navio em longa viagem.

Necessitaremos termos distintos para outra coisa: para a divisão sistemática, moderadamente lógica, metodológica, das disciplinas dentro da psicologia: falaremos assim da psicologia geral, da psicologia diferencial e comparada. Psicologia será o nome comum de uma família de ciências. Porque nossa tarefa não consiste, em absoluto, em diferenciar nosso trabalho de todo o trabalho psicológico do passado, mas de uni-lo em um só conjunto sobre uma base nova com tudo o que foi estudado cientificamente pela psicologia. Não queremos diferenciar nossa escola da ciência, mas sim do não científico, a psicologia da não psicologia. Essa psicologia de que falamos não existe ainda; há de ser criada e não por uma só escola. Muitas gerações de psicólogos trabalham nisso, como dizia James: a psicologia terá seus gênios e seus investigadores modestos, mas o que venha a surgir deste trabalho conjunto de gênios e simples mestres da ciência {406:} seria, precisamente, psicologia. Com este nome entrará nossa ciência na nova sociedade, no limiar da qual começa a se estruturar.

Nossa ciência não podia nem pode desenvolver-se⁶⁴ [plenamente] na velha sociedade. Ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não seja dona

⁶⁴ “Não pode desenvolver-se”, aqui, deve ter o significado de “não pode atingir o ápice de seu desenvolvimento” ou “não pode avançar com plenas forças na direção de atingir tal ápice”. Mas não o significado de que “esteja estática” em seu desenvolvimento ou de que “nem mesmo o iniciou”. Mesmo que estejamos na pré-história da psicologia da qual o autor fala e que só irá a consolidar-se numa nova sociedade, na passagem ao “reino da liberdade” (o comunismo), tal pré-história já é um desenvolvimento em seus primórdios. É o que podemos deduzir de tudo que ele mesmo diz, anteriormente, sobre não podermos menosprezar as conquistas históricas de nossa ciência, mesmo a custa de muitos erros.

da verdade sobre a própria sociedade. Pelo contrario, na nova sociedade, nossa ciência se encontrará no centro da vida. “O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade” [o surgimento do comunismo] colocará inevitavelmente a questão do domínio de nosso próprio ser, de subordiná-lo a nós. Neste sentido, Pavlov tinha razão, ao denominar nossa ciência a última ciência do homem enquanto tal. Será, em efeito, a última ciência do período histórico da humanidade ou a ciência da pré-história de outra humanidade. Porque a nova sociedade criará o novo ser humano. Se fala da refundição do homem como um traço distintivo da nova humanidade e da criação artificial uma nova ciência biológica, porque esta nova humanidade será a única e primeira espécie nova na biologia que se cria a si mesma.⁶⁵

⁶⁵ Este tópico é controverso. Dentre as discussões de nosso coletivo, só conseguimos atingir a concepção de um “Novo ser humano”, da perspectiva de ser aquela ou aquele que passa a pautar a vida em valores que no capitalismo só podem ser efetivados de modo muito parcial. Como sob grande pressão e sofrimento ou num processo de alienação, pelo qual alguém individualmente se conceba um ser superior na sociedade onde reina a desigualdade. Porém, Vigotski fala de coisas similares à ficção científica, como que o ser humano tendo tanto domínio da biologia, ciência culturalmente criada pela humanidade, seja artificialmente capaz de engendrar a si mesmo como nova espécie. Não há exemplos práticos plausíveis, mesmo hipotéticos, para isso, que não sejam tenebrosos. Se os recursos são “artificiais”, isto é, criados pela cultura, pode-se *imaginar* algo como: engenharia genética; criação de substâncias que levem as pessoas a atingir níveis nunca pensados de desempenho em funções vitais; produção de substâncias que levem à cura de doenças nunca antes curadas, prolongando nossa longevidade, detendo o envelhecimento celular, etc. Não há lógica comunista nesse tipo de artificialidade, pois tais técnicas, métodos ou recursos químicos, poderiam ser desenvolvidos dentro de centros de pesquisa no próprio capitalismo, pagos com a expropriação do trabalho de bilhões de pessoas no mundo para servir uma minoria, para fins militares, etc. Se criados, não gerarão qualquer humanidade nova. É aberrante tal devaneio de Vigotski. Não havendo mudança profunda de valores (os quais em 1932 o autor permite incluir no sistema de conceitos e vivências que formam o caráter humano), podemos ter artifícios nunca pensados, mas a questão continuará sendo: quantas vidas custarão? Em benefício de quem serão usados? Todos poderão ter acesso a eles? Ademais, o que tem a psicologia a ver com a mudança na nossa existência biológica? Seria a velha ideia de que de tão grande seria o controle que teríamos sobre nós mesmos, que desde nossos sistemas simbólicos intra-corticais passaríamos a controlar “batimentos cardíacos”, “circulação sanguínea”, “liberação de neurotransmissores”? De fato, isso não seria mais um ser humano, seria um semideus da mitologia grega. Não

Na futura sociedade, a psicologia será, na realidade, a ciência do novo ser humano. Sem ela, a perspectiva do marxismo e da história da ciência seria incompleta. Mas, sem dúvida, essa ciência do novo ser humano será também psicologia. Por isso já hoje mantemos suas rédeas em nossas mãos. Não há necessidade de dizer que essa psicologia se parecerá tão pouco com a atual, como, segundo palavras de Espinosa⁶⁶, a constelação do Cão se parece com o cachorro, animal ladrador (Ética, teorema 17, Escólio).

* * *

encontramos em Vigotski qualquer outra explicação adicional para suprir essa imensa lacuna em suas elucubrações sobre a psicologia do futuro. Nota nossa – CED.

⁶⁶ Baruch de Espinosa (1632-1677), filósofo holandês filho de judeus portugueses. A. N. Leontiev (1903-1979), em artigo de apresentação geral à primeira edição russa das “Obras” de L. S. Vigotski em seis tomos, relata que para este autor aquele filósofo “em toda vida, manteve-se como seu pensador preferido” (s.data/1982, p. 14). Nota nossa – CED.

9 Referências de Vigotski na seção traduzida

- Binswanger, L. (1922) **Einführung in die probleme der allgemeinen psychologie**. Berlin.
- Blonski, P. P. (1921) **Otcherk nautchnoi psikhologii**. Moskva.
- Dilthey, W. (1924) **Opisatel'naia psikhologuiia**. Moskva.
- Frank, S. L. (1917) **Dusha tcheloveka**. Moskva.
- James, W. (1911) **Psikhologuiia**. SPb.
- Kornílov, K. N. (1925) Psikhologuiia i marksizm. In: **Psikhologuiia i marksizm**. Moskva; Leningrad.
- Münsterberg, G. (1922) **Osnovi psihotekhniki**. Moskva. Tch. I
- Pavlov, I. P. (1950) XX-letnii opit obektivnogo izutcheniia visshei pervnoi deiatel'nosti (povedeniia) jivotnikh. In: _____. **Poli. sobr. Sotch.** Moskva; Leningrad. T. III, kn. 1.
- Spinoza, B. (1911) **Etika**. Moskva.
- Stern W. (1924) **Methodensammlung zur intelligent prüfung von kinder und jugendlichen**. Leipzig.
- Stout, D. F. (1923) **Analiticheskaia psikhologuiia**. Petrograd. T. I.
- Struminskii, V. Ia. (1923) **Psikhologuiia**. Orenburg.
- Tchelpánov, G. I. (1924) **Psikhologuiia i marksizm**. Moskva.
- Watson, J. (1926) **Psikhologuiia kak nauka o povedenii**. Moskva.

10 Referências desta tradução instrumental

- Lingvo (2010) **Electronic dictionary from and into Russian**. Version 1.9.7. Manufacturer: ABBYY, Russia.
- Leontiev, A. N. (s.data/1982) Vstupitel'naiia statiia. In: Vigotski, L. S. **Sobranie sotchinenii v shesti tomakh**. Tom pervii. Moskva: Pedagoguika. p. 9-41.
- Puzirei, A. (1989) Prefacio y comentarios. In: Leontiev, A. N.; Luria, A. R.; Vigotski, L. S. **El proceso de formación de la psicología marxista**.* Moscú: Editorial Progreso. 404 p.
- Veresov, N. N. (1999) **Undiscovered Vygotsky**: etudes on the prehistory of cultural-historical psychology. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Wien: Peter Lang. 281 p.
- Vigotski, L. S. (1925/1999) **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 377 p.
- Vigotski, L. S. (1926-27/1982) Istoritcheskii smisl psikhologuitcheskogo krizisa. In: _____. **Sobranie sotchinenii v shesti tomakh**. Tom pervii. Moskva: Pedagoguika. p. 291-435.
- Vigotski, L. S. (1929/1934) Problema razvitiia retchi v utchenii V. Shterna. In: _____. **Mishlenie i retch**: psikhologuitcheskii issledovaniia. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe sotsial'no-ekonomitheskoe izdatel'stvo. p. 67-75
- Vygotski, L. S. (1926-27/1991) El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In: _____. **Obras escogidas**. Tomo I. Madrid: Visor Libros y Ministerio de Cultura y Ciencia. p. 259-407.

* Trata-se apenas de uma coletânea de compilações não completas de textos separados de cada um dos três autores, sob a responsabilidade de Andrei Puzirei e Iulia Guipenreiter. Praticamente todos já disponíveis, hoje, de forma bem mais completa, em outras publicações. Alertamos para que não se imagine algo que corresponda ao título. Para não haver frustração depois. Valemo-nos aqui apenas das notas e índices de nomes e temas, pois são bem escritos. Nota nossa – CED.

Vygotski, L. S. (1930/1991) El método instrumental en psicología. In: _____. **Obras Escogidas. Tomo I.** Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia. p. 65-70.

Vygotski, L.S. (1931/2000) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: _____. **Obras escogidas. Tomo III.** 2. ed. Madrid: Visor. p. 11-340.

Vygotsky, L. S. (1928/1994) The problem of the cultural development of child. In: _____. **The Vygotsky Reader.** Edited by René van der Veer and Jaan Valsiner. Oxford UK, Cambridge USA: Blackwell. p. 57-72.